



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ERISNAIDY LOPES DELMONDES

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ADOLESCÊNCIA

Juazeiro do Norte
2020

ERISNAIDY LOPES DELMONDES

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ADOLESCÊNCIA

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

ERISNAIDY LOPES DELMONDES

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Dr. Marcus César de Borba Belmino
Orientador

Me. Moema Alves Macedo
Avaliadora

Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega
Avaliador

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ADOLESCÊNCIA

Erisnaily Lopes Delmondes¹
Marcus César de Borba Belmino²

RESUMO

A violência contra a mulher na adolescência é um dos problemas que possuem pouca visibilidade no contexto social, mesmo sendo considerado como interesse da área social, histórica e de saúde pública, tornando-se de grande relevância. As adolescentes são consideradas como um dos grupos com maior vulnerabilidade para sofrerem negligências e terem seus direitos humanos violados, apresentando consequências na sua saúde integral e no seu desenvolvimento, devido está em um processo de desenvolvimento biopsicossocial, em que na maioria das vezes é conflituoso. Foi realizada uma pesquisa de caráter transversal, exploratória e de abordagem quantitativa, usando um questionário de perguntas como instrumento para a coleta dos dados, aplicado por meio do *google forms*, um aplicativo gerenciador de pesquisas, questionários e formulários. Sendo realizada uma análise de síntese quantitativa das estatísticas com os dados coletados das variáveis analisadas, apresentadas por meio do próprio *google forms*. Esta pesquisa teve como objetivo analisar quais os tipos de violência mais vivenciadas e identificadas por essas mulheres adolescente, e as suas características. Tal estudo contou com a participação de 30 adolescentes do sexo feminino estudantes do ensino médio, da cidade de Santa Filomena, Pernambuco, Brasil. As participantes tinham entre 15 e 18 anos de idade, sendo a maioria moradoras na zona rural. Encontrou-se uma maior prevalência de violência sexual, por meio de atos como carícias com 76,7% dos casos, mas apenas 6,7% sentiu que foi violentada fisicamente durante sua adolescência, e em seguida de agressão moral e psicológica, ocorrendo por meio de agressão verbal com palavrões, ofensas e xingamentos com 63,3 % dos casos, na qual 56,7% das participantes apresentaram que em algum momento da sua adolescência sofreu violência psicológica. Diante das buscas realizadas na literatura brasileira, percebe-se que existem poucas produções sobre violência contra a mulher na fase da adolescência, apresentando-se mais com pesquisas com mulheres adultas, considera-se que é uma lacuna que precisa ser preenchida para compreender a ocorrência desse fenômeno. E que existe uma grande prevalência de violência sexual e psicológica com essas adolescentes.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Violência contra a mulher na adolescência. Saúde e adolescência. Adolescência.

ABSTRACT

Violence against women in adolescence is one of the problems that have little visibility in the social context, even though it is considered as an interest in the social, historical and public health areas, becoming of great relevance. Adolescents are considered as one of the most vulnerable groups to suffer neglect and have their human rights violated, with consequences for their integral health and development as they are in a process of biopsychosocial development in which most of the time they are in conflict. A cross-sectional, exploratory and quantitative research was carried out, using a questionnaire as a tool for data collection,

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: erisnailydelmondes@gmail.com.

²Docente do curso de psicologia e do programa de Pós-Graduação em Ensino em Saúde da UNILEÃO, e Doutor em Filosofia.. Email: marcuscesar@leaosampaio.edu.br.

applied through google forms, a survey management application, questionnaires and forms. An analysis of the quantitative synthesis of the statistics was performed with the data collected from the analyzed variables, presented through Google forms itself. This research aimed to analyze the types of violence most experienced and identified by these adolescent women, and their characteristics. This study had the participation of 30 female adolescents, high school students, from the city of Santa Filomena, Pernambuco, Brazil. The participants were between 15 and 18 years old, the majority of whom lived in the countryside. A higher prevalence of sexual violence was found, through acts such as caresses with 76.7% of cases, but only 23.3% felt sexually assaulted during their adolescence, and then moral and psychological aggression, with verbal aggression through swearing, insults and swearing in 63.3% of cases, in which 56.7% of the participants presented that at some point in their adolescence they suffered psychological violence. In view of the searches carried out in the Brazilian literature, it is clear that there are few productions on violence against women in their adolescence, presenting themselves more with research with adult women, it is considered that it is a gap that needs to be filled to understand the occurrence of this phenomenon. And that there is a high prevalence of sexual and psychological violence with these adolescents.

Keywords: Violence against women. Violence against women in adolescence. Health and adolescence. Adolescence.

1 INTRODUÇÃO

A violência retrata um dos problemas mais agravantes e pertinentes da sociedade, considerada assim, um problema de caráter sociocultural, histórico e de saúde pública. Podendo se apresentar por meio de diversas manifestações, na qual se interligam, interagem, se consolidam e podem ser expressa principalmente através das relações interpessoais do cotidiano, atuando em todos os grupos sociais, faixas etárias e instituições. Valendo ressaltar que, de acordo com Gomes *et al.* (2006), é apresentada principalmente em grupos considerados vulneráveis e negligenciados, como por exemplo: crianças, adolescentes, idosos e mulheres.

Diante de várias formas de violência existentes, à violência contra a mulher é avaliada desde do século XX como uma soma de características políticas, sociais, culturais, econômicas, morais, psicológicas, físicas e jurídicas, que são tratadas de maneira diferenciada devido ao gênero. Sendo assim, engloba os diversos tipos de violência, devido às relações de desigualdades entre os sexos (LEITE *et al.*, 2014).

Para Arantes, Sastre e González (2010), a violência contra a mulher é de grande interesse para a saúde pública, pois é a ocorrência de violação dos direitos humanos, que ocasionam em diversas consequências para a saúde integral da mulher, e por isso, deve ser encarada como uma questão de caráter social. Para Martins *et al.*, (2011), os adolescentes retratam uma parte relevante da população, necessitando atenção da oferta de serviços das

políticas públicas destinadas para essa faixa etária com suas especificidades, devido às diversas situações de negligências que os mesmos são expostos pela sociedade.

Segundo Taquette (2007), ao discutir sobre o fenômeno violência e seus tipos, deve-se levar em consideração as lacunas existentes sobre a violência contra a mulher e suas fases de desenvolvimento, no qual um dos fatores considerados agravantes para violência contra mulheres adolescentes é a vulnerabilidade da sua idade no encontro com as situações que estão sendo expostas, a dificuldade aos meios de proteção, baixa escolaridade, dependência econômica e uma cultura sexista e machista presentes em grande proporção. O que na maioria das vezes tem influência na dificuldade em procurar ajuda ou até mesmo compreender a situação em que está vivenciando. Ao adentrar na puberdade, no decorrer do seu desenvolvimento os adolescentes geralmente passam por uma maior exposição do seu corpo recém obtido, que gera desconforto, e podem ser violadas.

De acordo com Souza e Jorge (2006), ao sofrer algum tipo violência, ou alguns tipos de violência, as adolescentes não procuram ajuda ou serviço de saúde, inicialmente, por não notarem que estão sendo violentadas, e como isso pode acabar acarretando em alterações na sua saúde e bem-estar. Podendo ser violência sofrida dentro do âmbito familiar, pelos seus parceiros, institucional, de desconhecidos e etc. Partindo das reflexões apresentadas, surge o seguinte questionamento: Quais os tipos de violência mais vivenciados por mulheres adolescentes?

Diante disso, justifica-se a necessidade de realizar uma pesquisa para encontrar dados relevantes sobre o fenômeno apresentado, e como essas adolescentes compreendem as possíveis violências que atravessam sua vida. Partindo da premissa de que esse fenômeno é de caráter relevante para a sociedade, este estudo se faz importante para que possibilite uma maior compreensão do mesmo, para que seja analisado os dados coletados e sua ocorrência na população estudada, facilitando na elaboração de intervenções para enfrentamento da mesma e tendo um olhar mais aprofundado diante da proporção da ocorrência de violência contra essas mulheres adolescentes. É necessário levar em consideração também que, existem poucas pesquisas brasileiras com evidências sobre a violência contra a mulher adolescente e a sua significância.

Considera-se que a construção desse trabalho é uma grande oportunidade para que seja possível obter dados significativos sobre a temática e ser uma possível ferramenta para fomentar próximos estudos de base acadêmica, ofertando uma análise sobre necessidade para a produção devido as poucas produções existentes que trabalhem diretamente com a mesma, levando em consideração que a problemática relacionada à violência contra a mulher está

cada vez mais alarmante no Brasil, com seu grande crescimento e assim evidenciando seus dados verídicos. E, por fim, está ligado diretamente com a área de interesse da pesquisadora, que é saúde do adolescente, e irá contribuir de maneira significativa para com o enriquecimento com sua bagagem de conhecimentos sobre a temática.

O presente estudo contará como objetivo identificar quais os tipos de violências mais vivenciadas e identificadas contra as mulheres na adolescência. Para isso atingir tal objetivo, será analisado quais os tipos de violência vivenciadas por adolescentes mulheres, qual o perfil de adolescentes que vivenciam essas violências, conhecer a amplitude e as características da violência contra a mulher adolescente e, analisar a ocorrência de violência contra mulheres adolescentes dos tipos psicológica, moral, sexual e física.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ADOLESCÊNCIA: CONCEITUAÇÃO E MARCOS.

A fase da adolescência é representada por muitos marcos particulares, sendo um momento que geralmente ocorrem muitas mudanças físicas, emocionais, sexuais e cognitivas, sendo um período que é pertencente a apresentação de desafios, inseguranças, movimentações nos seus vínculos, tanto familiares, como sociais e escolares, e lidam com mudanças ocorridas no seu meio sociocultural (TAQUETTE, 2007).

Segundo Bouzas e Jannuzzi (2015), a adolescência é um etapa da vida que oferece algumas possibilidades para o seu desenvolvimento, diante das questões relacionadas à identidade, auto afirmação e a sua indispensabilidade para o cuidado pela coletividade, mas que sofrem muita exposição, que podem ocasionar em vulnerabilidades, ocorrendo constantemente situações de acidentes dos mais diversificados, como os diversos tipos de violência, e trabalhando com uma perspectiva de maneira direta, no qual se enquadra a violência contra a mulher adolescente, tema de discussão do presente trabalho.

Eisenstein (2005) apresenta que os adolescentes são um dos grupos mais vulneráveis para sofrerem violências, acarretando na violação dos seus direitos, o que pode resultar em algumas alterações e/ou complicações na sua saúde física e psicológica. A autora afirma que os indivíduos a partir do seu nascimento estão sujeitos a sofrerem algum tipo de violência, mas que primordialmente, é na adolescência que é mais alarmante. Mas, nessa fase da vida existe uma proporção maior de ocorrerem mudanças de maneira significativa para se obter

uma melhor qualidade de vida, por isso, é de grande importância obter conhecimentos para construir intervenções que possibilitem mudanças diante dessa realidade.

Segundo Eisenstein (2005), essa fase da vida é o marco entre a passagem da infância para a vida adulta, apresentando modificações na sua vida, como físicas, emocionais, sociais e sexuais, e maior interação com o seu contexto social, diante da construção de expectativas para o seu futuro. Ela tem seu início marcado pelas mudanças ocasionadas pela puberdade no seu biológico, e na sua consolidação da identidade, que pode ter envolvimento com conquistas, autonomia e interação com o meio social.

O Ministério da Saúde, apresenta que segue as diretrizes apresentadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), sobre a conceituação pela idade cronológica a adolescência, ressaltando que a mesma ocorre entre os 14 aos 19 anos, mas que sua entrada inicialmente ocorre aos 10 anos, com a apresentação da fase pré-adolescente, e podendo se prolongar até os 24 anos ao apresentar a fase da juventude. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), pertencente ao Brasil, sustentado pela lei 8.069 de 1990, fundamenta que a adolescência é a faixa etária correspondente ao período de 12 a 18 anos, e em alguns casos, dirigindo-se até aos 21 anos, sendo marcada por muitas questões biológicas e psicossociais (BRASIL, 1990).

Para Eisenstein (2005), é necessário uma maior reflexão sobre o que é a adolescência, para assim, desenvolver condutas dentro das políticas públicas com ações de promoção, prevenção e recuperação contra as situações que deixam esses adolescentes em situação de vulnerabilidade em relação a sua saúde e seu bem-estar. O autor conceitua que a adolescência é um marco da vida acompanhada pelo crescimento e alterações físicos/corporais e psicológicas, e com o surgimento de novas experiências e de desenvolvimento da sua autoafirmação, para reconhecer qual o seu lugar dentro da sociedade, necessitando de cuidado e acolhimento sobre o que eles enfrentam.

Segundo Palácios (1995), a adolescência é a transição na qual o indivíduo não é mais criança, mas que ainda não recebe o lugar de adulto, sendo um momento que irá receber da sociedade novos papéis para exercerem, que introduzem a vida adulta, para assim, alcançar os objetivos que são criados pelas expectativas da sociedade e sua cultura pertencente. Para Eisenstein (2005), essa fase inicia após começar a ocorrência de mudanças no seu corpo por meio da puberdade, que é um evento fisiológico, em que ocorrem mudanças de forma, função e tamanho dos seu corpo, sendo um processo fluído, e sem rompimento e tem sua finalização quando o indivíduo apresenta uma identidade mais fortalecida, uma melhor condição econômica individual e pertencimento grupal dentro do seu meio social.

Um dos maiores autores que discutem a adolescência e suas características, é Erikson (1976), que a conceituou como uma fase moratória e especial, pois é nesse momento que o indivíduo buscará fortalecer os construtos de papéis dentro da sociedade, adversidades na sua construção de identidade, e conflitos na transição da fase da infância para a adulta. Sendo também um marco de evolução de mudanças ambientais, históricas e no seu desenvolvimento, possuindo ênfase no caráter psicossocial, e mudanças conflituosas.

De acordo com Ariès (1986), a adolescência é uma fase da vida com características individuais e coletivas, pois apresenta questões relacionada pertencente a subjetividade do indivíduo e seus aspectos físicos, psicológicos e cognitivos, e de caráter histórico e social oriundos da cultura do seu contexto em que está inserido, sendo assim, com dilemas pessoais e sociais. Com isso, são apresentados valores, regras e normas sociais que tem um significado já estabelecido para seu papel na sociedade para se integrarem na mesma, ao influenciar e ser influenciado por ela.

2.2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: CONCEPÇÕES E DEFINIÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ADOLESCÊNCIA.

A violência contra a mulher, desde 1993, tem reconhecimento pela Assembleia Geral das Nações Unidas, conceituada como práticas, seja qual for, de violência de gênero que ocasione ou a probabilidade de ocorrência de prejuízo de caráter psicológico, moral, patrimonial, físico ou sexual, enquadrando também, ameaças, inviabilidade do uso da liberdade, de ocorrência pública ou privada, valendo ressaltar que constitui-se como um grande problema de saúde de relevância coletiva da sociedade (TAQUETTE, 2009).

Taquette (2009) apresenta que não existe um número considerável de pesquisas a nível populacional sobre violência contra a mulher, mas que os existentes trazem a evidência de prevalência muito grande. Sendo assim, não oferece uma informação suficiente para compreender a dimensão real do fenômeno dentro do contexto brasileiro. A mesma apresenta a necessidade de ressaltar a importância de estudos sobre a temática, pois é um problema emergente na sociedade de caráter social e público, resultado em uma questão de saúde pública.

Ao realizar uma pesquisa, Taquette (2003) constatou que existem diversos elementos que fazem parte da vulnerabilidade que adolescentes mulheres são expostas, sendo: dependência econômica, imaturidade biopsicossocial, violência de gênero contando com violência doméstica, física, psicológica, sexual, falta de conhecimentos de seus direitos,

acesso limitado aos meios de proteção e maior frequência de abuso sexual dentro desse grupo social.

Taquette (2009) afirma que as desigualdades de poder das relações sociais presentes na sociedade, tendo como princípio norteador as diferenças de gênero, que tem suas manifestações nas relações de poder, oferta a origem da violência contra as mulheres, sendo naturalizada e aceita pelo contexto social, quando ocorre sua identificação. A população brasileira no ano de 2005, totalizava 184 milhões de brasileiros, com um percentual de 51% sendo feminina, e 20% pertencente a adolescência.

Sastre, Arantes e Gonzalez (2007) enfatizam que a maioria das adolescentes, ao sofrerem qualquer tipo de violência, não estão preparadas para identificar e reagir ao ato sofrido, tal questão verifica a necessidade de refletir sobre as ofertas de serviços e o cuidado com esse público para ajudar com essas situações que ocorrem, pois exigem um trabalho com compromisso intersetorial pela sociedade, e ocorra a possibilidade de diminuição de tais vulnerabilidades.

Partindo dos pressupostos de Lima, Buchele e Clímaco (2008), a violência contra a mulher é um ato que passa a ser interesse da saúde pública e direitos humanos violados, trazendo grandes consequências no desenvolvimento da saúde integral da mulher, então, necessariamente, é um problema de preocupação da sociedade. Abarcando diversas formas de violência, como: violência física. Violência sexual, violência econômica e violência psicológica, que atravessa os meios políticos, sociais, econômicos e culturais.

Um dos tipos de violência contra a mulher adolescente mais comum é a violência sexual, que pode ocorrer por meio de um abuso sexual, de origem intra ou extrafamiliar, exploração sexual, como prostituição, veiculação de conteúdo pornográfico, por pessoas conhecidas ou não (LIMA; BUCHELE; CLÍMACO, 2008).

A lei Maria da Penha, sob o número 11.340/2006, que visa a garantia dos direitos para proteção das mulheres contra violência, trabalhando da perspectiva da prevenção e coibição da violência doméstica e familiar, define a violência física como entendida como qualquer ato que insulte a integridade e saúde física da mulher, como: espancamento, atirar objetos, estrangulamento, sufocamento, ferimentos por diversos objetos e tortura (BRASIL, 2006).

A violência psicológica que também é conceituada pela Lei Maria da Penha de 2006, é considerada como qualquer ação que acarrete danos emocionais, alterações de maneira negativas na autoestima, perturbação no progresso da sua vida, causando situações desagradáveis e impossibilidade do uso da sua liberdade, diante de crenças, valores, decisões e comportamentos. Podendo ser por meio de xingamentos, ameaças, constrangimento,

humilhação, manipulação e isolamento, chantagem, exploração. Tirar a liberdade de escolhas, distorcer situações e da sanidade (BRASIL, 2006).

Como é apresentada pela Lei Maria da Penha, a violência sexual, refere-se a condutas que visam a presenciar, manter ou a participar de relações sexuais sem consentimento e desejo da vítima, através de intimidação, ameaças, coibição ou uso de força, podendo ocorrer por meio de estupro, obrigar a fazer atividades sexuais que gerem desconforto ou aversão, controle sobre seus métodos contraceptivos, o uso ou não, forçar a mulher a abortar, chantagem ou manipulação de gravidez ou prostituição ou/e controlar o direito dos exercícios diante da sua vida sexual e reprodutiva (BRASIL, 2006).

Taquette (2003) apresenta nos seus estudos que é necessário um olhar mais cuidadoso para jovens e adolescentes que tem seu caminho atravessado por violência e negligências que se apresentam nas relações de gênero, pois podem ser geradora de vergonha, dor, medo, dependência e humilhação, diante da apropriação e dominação dos seus corpos, dos seus limites e desejos latentes em relação a sua intimidade e afetos. A Violência contra a mulher, mesmo sendo apresentada por diversas classes profissionais como sendo uma problemática frequente não é discutida o suficiente, e sendo em relação às jovens e adolescentes apresentam mais ainda escassez nos setores sociais, de saúde e jurídicos. Com isso, constata-se a necessidade de que o fenômeno violência contra a mulher adolescente, seja estudado para ser possível encontrar vias de explicação e maneiras de intervir diante dessas demandas.

Segundo Taquette (2009) os contrastes existentes entre homem e mulher não se reduzem apenas as características biológicas do sexo, bem como de perspectiva cultural, social dos gêneros em questão, sendo assim, sua definição e suas características tem forte influência da sociedade e da época que está inserido. A autora apresenta que o termo sexo é definido como atributos relacionados a anatomia fisiológica do indivíduo, e que gênero é a concepção que o contexto cultural da sociedade que ele está inserido oferta para diferenciar características sexuais e uma posição do que é ser mulher e homem. Para a autora, as relações sociais são fundamentadas pela diferença existente entre os gêneros, que vem carregada de situações manifestadas de uma relação de poder construída pela sociedade. Com isso, para que seja possível compreender o fenômeno da violência contra a mulher adolescente, é fundamental possuir entendimento sobre o que é gênero.

As desigualdades existentes entre os gêneros têm se tornado cada vez mais fortalecidas com o passar do tempo, que ocasionam em uma construção de determinantes padronizados na relação existente entre a definição de homem e mulher. A violência contra a mulher pode se apresentar nos mais diversificados contextos, podendo ser tanto no ambiente

familiar como em demais grupos sociais. Em que se tornam banalizadas ao ponto de serem enraizadas, na qual muitas vezes quem viola e negligencia pode estar ignorando tal ato, e quem é a vítima pode não reconhecer como uma violência. Em que, desde muito cedo as meninas são ensinadas a não ativar ou reagirem pedindo ajuda diante de violências sofridas. Essa violência pode ser de diferentes maneiras: física, sexual, psicológica, moral, patrimonial e financeiramente, que tem seu maior respaldo em papéis de gênero, socialização e relação de poder (TAQUETTE, 2009).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa constata-se inicialmente como uma pesquisa exploratória, e partindo da perspectiva de Marconi e Lakatos (2018), esse tipo de pesquisa, tem como propósito investigar mais detalhadamente fenômenos pouco explorados, ou seja, que tenha poucas produções e pesquisas na literatura, ou que possui alguns estudos avançados, mas sobre uma nova perspectiva.

Este estudo tem caráter observacional transversal, em que o pesquisador não intervém na realização da pesquisa, sendo assim, registra as informações coletadas para realizar posteriormente uma análise de dados, constituindo subcategorias da pesquisa realizada. Na qual possui as seguintes etapas: definição da população de interesse para realizar o estudo, análise da população por meio de uma amostragem de uma parte dela e definição de presença ou não do desfecho ou exposição com os participantes envolvidos (BASTOS; DUQUIA, 2007).

Foi realizado com uma amostra de 30 mulheres adolescentes entre 16 e 18 anos, sendo esse o número escolhido de participantes, todas estudantes de duas escolas públicas situadas na cidade de Santa Filomena, do interior de Pernambuco. A mesma, fica localizada na região do sertão pernambucano, a 711 km da capital Recife, sua estimativa populacional é de 14.390 habitantes, segundo os dados apresentados pelo IBGE (2015). Vale ressaltar que, até o momento, não foi apresentada nenhuma pesquisa sobre violência contra mulheres adolescentes e não dispunha de nenhuma informação sobre o fenômeno atualmente na localidade e região. Foi adotada a classificação de violência apresentado pela OMS (Organização Mundial de Saúde), a partir da prática cometida: violência psicológica ou abuso emocional, violência moral, violência física e violência sexual.

Para recolher os dados previstos, foi aplicado um questionário derivado do *“Instrumento da OMS sobre violência contra a mulher”* de 2005, sendo uma versão reduzida,

com algumas perguntas do documento original e outras acrescentadas, contemplando 20 perguntas no documento original para a pesquisa, ocorrendo de maneira virtual, por meio da plataforma *Google Forms*, que é um aplicativo gerenciador de pesquisas, formulários e questionários. Segundo Marconi e Lakatos (2018), o questionário é um instrumento que visa a coleta de dados por meio de várias perguntas ordenadas, que devem ser respondidas sem a presença do pesquisador, podendo ser enviadas ao pesquisado por meio de correio, portador ou um meio eletrônico, e após o preenchimento ser devolvido para o pesquisador para realizar a análise dos dados coletados.

Algumas das vantagens mais consideráveis do uso desse instrumento é a maior facilidade para obter um grande número de dados, atingindo um maior número de pessoas, uma área geográfica mais significativa e uma liberdade mais ampla de quem participa, devido ao anonimato. Apresenta também, algumas desvantagens, como por exemplo, nem todos questionários são devolvidos, a ocorrência de algumas perguntas não serem respondidas e o desconhecimento das circunstâncias na qual foram respondidas. Sendo assim, classificada como uma observação direta extensiva (MARCONI; LAKATOS, 2018).

A aplicação do instrumento foi realizada através do *google forms*, por meio do envio de um link correspondente ao questionário para os participantes no qual apresentou-se com todas as perguntas e os termos de condição para participação. E os dados foram coletados através da plataforma, e a partir disso, criado uma planilha com os mesmos, que serão ser apresentado através de tabelas, e de maneira isolada com os dados coletados de cada participante que ficam armazenados na plataforma do google drive, pertencente a ferramenta google, que facilitam a coleta e análise de dados estatísticos em um desenvolvimento de pesquisas, para assim permitir a realização da análise das informações coletadas (MOTA, 2019). A realização da análise da síntese dos dados obtidos foi realizada com base em um estudo quantitativo, por meio dos resultados estatísticos obtidos através do formulário, tais resultados de cada variável foram obtidos por meio do próprio *google forms*, que ao final da pesquisa codifica as informações apresentadas pelos participantes, apresentando, assim, um banco de dados.

Para a amostragem foi apresentado como critérios que sejam apenas adolescentes do sexo feminino, entre 14 e 18 anos, residentes da cidade de santa Filomena- PE, com histórico escolar de apenas escolas públicas da localidade, que tenham algum tipo de ocorrência ou não de violência do início da sua adolescência até o momento.

Como critério de exclusão será apresentado, para adolescentes do sexo feminino que estudam em uma das escolas públicas da localidade, mas que reside ou naturalidade de outra

cidade, que tenha no seu histórico escolar ensino de escola particular em algum dado momento, mesmo no momento da pesquisa esteja frequentando em uma das escolas pública e seja residente da cidade.

A mesma possui caráter descritiva, de abordagem quantitativa. Segundo Marconi e Lakatos (2018), uma pesquisa descritiva visa descrever um fenômeno ou situação, diante de um estudo/pesquisa realizado em dado tempo-espaço. Ainda para esses autores, a pesquisa quantitativa visa trabalhar na perspectiva de coleta de dados em transformá-los em números, e quantificar os dados em categorias explorando de informações de maneira mais ampla, ou até mesmo apresentando o perfil dos participantes.

Para a pesquisa de literatura sobre o tema, buscou consultar as seguintes fontes: as plataformas digitais, Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google Academic, PsycInfr-base, PubMed, Bvs (Biblioteca Virtual em Saúde), PEPSIC e titulares de referência tem apresentado, sendo eles publicados nos últimos 15 anos, livros de autores com base referencial e de relevância sobre o mesmo. Sendo somente na Língua Portuguesa. Para as buscas realizadas nas fontes acima, foram citados os seguintes descritores: adolescência; violência contra a mulher; violência na adolescência; violência contra a mulher adolescente; saúde do adolescente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa um total de 30 adolescentes do sexo feminino, respondendo por completo o questionário da pesquisa, sendo elas moradoras da cidade de Santa Filomena, localizada no estado de Pernambuco, Brasil. Os dados coletados dos participantes podem ser visualizados nas tabelas que serão apresentadas a seguir. De maneira resumida, logo de início é apontado quanto às características sociodemográficas que as participantes possuem entre 15 a 18 anos. obtendo uma maior prevalência entre os 16 anos, que uma grande proporção reside na zona rural, a maioria sofreu violência psicológica e foi agredida de maneira verbal, com histórico de insultos e/ou xingamentos, foram expostos que essas adolescentes apresentaram grande prevalência de violência sexual, por meio de atos como carícias sem seu consentimento, apresentando também pouca ocorrência de violência física até o presente momento da sua adolescência, mas que não pode ser desconsiderada.

A seguir será apresentada a figura da tabela 1, na qual apresenta os dados obtidos sobre a idade das participantes, se reside em zona rural ou urbana e a cor. Para assim, ser possível fazer uma melhor leitura do perfil sociodemográfico das participantes.

Idade	16 anos	17 anos	18 anos
	17 (56,7%)	10 (33,3%)	3 (10%)
Mora	Zona rural	Zona urbana	
	23 (76,7%)	7 (23,3%)	
Cor	Branca	Parda	Negra
	17 (56,7%)	11 (36,7%)	2 (6,6%)

Tabela 1. Dados sobre o perfil das participantes.

Conforme a tabela 1, descrita acima, das 30 adolescentes participantes, 17 (56,7%) apresentaram-se com 16 anos de idade, sendo o maior público da pesquisa, 10 (33,3%) com 17 anos de idade e 3 (10%) com 18 anos de idade. A maioria morando na zona rural, sendo 23 participantes, que corresponde a 76,7% dos casos, e 7 (23,7%) morando na zona urbana. 17 (56,7%) participantes se declarou como branca com a maior prevalência entre as participantes da pesquisa, 11 (36,7%) como pardas e apenas 2 (6,6%) sendo negras.

O questionário da pesquisa também constava com as seguintes perguntas: Em algum momento você já sentiu-se violentada fisicamente na sua adolescência? Em algum momento você percebeu que sofreu violência psicológica na sua adolescência? Em algum momento você percebeu que sofreu violência sexual na sua adolescência? Sofreu insulto ou alguma situação que se sentiu mal em relação a si mesma? Sofreu ameaça diante de machucá-la ou outra pessoa que você gosta? Agrediu verbalmente com palavrões, ofensas e xingamentos? Que alguém fez algo para assustá-la ou intimidá-la de propósito? Deu-lhe um tapa ou arremessou algo que poderia machucá-la? Recebeu chutes ou arrastões? Usou algum tipo de arma ou instrumento para agredi-la? Forço-a fisicamente a manter relações sexuais quando não queria? Sofreu algum tipo de carícia no seu corpo sem sua permissão? e, Teve algum tipo de relação sexual porque estava com medo de alguma reação contra você?. A próxima figura, sendo a tabela 2, apresenta os dados obtidos nesses questionamentos presentes citados acima incluídos na pesquisa.

variáveis	Sim	Não
Filho (s)	3 (10%)	27 (90,0%)
Em algum momento você percebeu que sofreu violência psicológica na sua adolescência ?	17 (56,7%)	13 (43,3%)
Em algum momento você já sentiu-se violentada fisicamente na sua adolescência?	7 (23,3%)	23 (76,7%)
Em algum momento você percebeu que sofreu violência sexual na sua adolescência?	2 (6,7%)	28 (93,3%)
Sofreu insulto ou alguma situação que se sentiu mal em relação a si mesma?	12 (40%)	18 (60%)
Sofreu ameaça diante de machucá-la ou outra pessoa que você gosta?	11 (36,7%)	18 (63,3%)
Agrediu verbalmente com palavrões, ofensas e xingamentos?	19 (63,3%)	11 (36,7%)
Fez algo para assustá-la ou intimidá-la de propósito?	2 (6,7%)	28 (93,3%)
Deu-lhe um tapa ou arremessou algo que poderia machucá-la?	2 (6,7%)	28 (93,3%)
Deu-lhe um chute ou deu-lhe arrastões?	0 (0,0%)	30 (100%)
Usou algum tipo de arma ou instrumento para agredi-la?	0 (0,0%)	30 (100%)
Sofreu algum tipo de carícia no seu corpo sem sua permissão?	23 (76,7%)	7 (23,3%)
Forço-a fisicamente a manter relações sexuais quando não queria?	2 (6,7%)	28 (93,3%)
Teve algum tipo de relação sexual porque estava com medo de alguma reação contra você?	2 (6,7%)	28 (93,3%)

Quadro com os dados obtidos sobre as perguntas realizadas.

Em relação à figura do seguinte quadro apresentado, foi possível compreender que das 30 participantes da pesquisa, somente 3 (10%), tinham filhos, sendo assim, 27 (90%) não tiveram filhos. Em relação ao questionamento sobre já ter percebido que sofreu alguma violência psicológica, 17 (56,7%) das mesmas responderam que sim, e 13 (43,3%) responderam que não, o que resulta em que a maioria já sofreu alguma violência psicológica e conseguiu identificar. Em relação ter sido violentada fisicamente na adolescência, 7 (23,3%) apresentaram que sim, e 23 (76,7%), afirmaram que não. 2 (6,7%) das adolescentes ao ser questionado sobre ter sido violentada sexualmente na sua adolescência informaram que sim, e 28 (93,3%) responderam que não, apresentando baixa prevalência de violência sexual identificada pelas participantes. Para a pergunta sobre se sofreu algum insulto ou situação que se sentiu mal em relação a si mesma, 12 (40%) das adolescentes apresentaram que sim e 18 (60%) responderam que não. Para a questão sobre ter sofrido ameaça diante de machucá-la ou outra pessoa que gosta, das 30 participantes, 2 (6,7%) apresentaram que sim, e 28 (93,3%) responderam que não.

Sobre o questionamento de alguém ter agredido verbalmente com palavrões, ofensas ou xingamentos, 19 (63,3%), informaram que sim, e 11 (36,7%) adolescentes responderam que não. Sendo assim, os atos de violência investigados que obteve maior índice de acontecimento entre essas adolescentes. 4 (13,3%) informaram que alguém já fez algo para assustá-la ou intimidá-la propositalmente, e o restante das 30 participantes, que corresponde a 26 (86,7%) informaram que não. Ao ser questionadas se deu-lhe um tapa ou arremessou algo

que poderia machucá-la, apenas 2 (6,7%) responderam que sim, e 28 (93,3%) apresentaram que não. Foi possível compreender que nenhuma delas sofreu violência com chutes e arrastões. O mesmo resultado foi obtido ao serem questionadas se alguém usou algum tipo de instrumento ou arma para agredi-la.

Em relação a ter sofrido algum tipo de carícia no seu corpo sem sua permissão, 23 (76,7%) apresentou que sim, e 7 (23,3%) comunicaram que não. Apresentando-se como uma das violências que perpassa a realidade do público da pesquisa. Ao ser indagada sobre manter relações sexuais quando não queria, foi noticiado que sim por 2 (6,7%) das participantes, e 28 (93,3%) justificaram que não, e por fim, ao ser interrogada sobre manter relações sexuais porque estava com medo de alguma reação contra ela, foi obtido que 2 adolescentes, que corresponde a 6,7% das participantes, afirmaram que sim, e o restante do público da pesquisa apresentaram que não, sendo o total de 28 (93,3%) das adolescentes.

Não foram encontradas pesquisas na literatura que corroboram com esses dados obtidos, no qual se deve levar em consideração que existem poucas pesquisas realizadas com adolescentes mulheres sobre tal temática, e principalmente destinadas para esse público de maneira específica. Taquette (2009) afirma que existem poucas produções e pesquisas desenvolvidas com esse grupo, em que a maioria desenvolvidas ocorrem entre mulheres adultas, e quando englobam mulheres adolescentes, não é ofertado tanta ênfase para as adolescentes, e poucos estudos produzidos sobre violência contra a mulher em diferentes estágio da vida, mas que é necessário mudar essa realidade para que seja possível construir novas perspectivas e obter respaldos, pois é um problema pertencente e presente na sociedade.

Depois de obter dados sobre os tipos de violências mais frequentes e suas características, pode-se fazer uma análise mais aprofundada sobre as informações obtidas. Com isso, se inicia a parte de entender como essas violências atravessam o caminho dessas adolescentes e quais apresentam-se com mais frequência. O questionamento sobre ter sofrido algum tipo de carícia no seu corpo sem permissão/consentimento, apareceu com maior prevalência, em que mais da maioria das adolescentes envolvidas na pesquisas, que pode ser caracterizada como alguns dos atos de uma violência sexual, valendo ressaltar que chama a atenção, Pois poucas adolescentes apresentaram que tinha percebido ou sofrido violência sexual na sua adolescência, até o presente momento da pesquisa.

Em relação ao questionamento sobre ter sofrido algum tipo de ameaça diante de machucá-la ou de machucar uma pessoa que a participante gosta, foi possível identificar que ocorreu grande proporção, apresentando-se semelhante aos estudos realizados por Bernardino (2016), que tinha como objetivo analisar o perfil da violência contra a mulher em diversas

fases de vida, foi apresentado na sua pesquisa que a faixa etária entre 15 e 29 anos 35,4% dessas jovens tinham sofrido esse tipo de ameaça. Que são atos englobados nos tipos de violência moral, e a depender de como ocorrer e as consequências, adentrada na violência psicológica (BRASIL, 2006).

Schraiber (2007) buscou realizar uma pesquisa para analisar a ocorrência de violência contra a mulher, sendo os tipos violência psicológica, sexual e física. Na qual 68% das suas participantes identificaram que sofreram violência psicológica. O que corroborou com os dados da pesquisa aqui realizada, onde a maioria confirmou que tinha identificado que sofreu violência psicológica, e que pode-se perceber a sua ocorrência possivelmente por meio de atos apresentados na pergunta sobre se sofreu insulto e sentiu-se mal em relação a si mesma, em que se aproximou da maioria dos casos. Sobre ter sofrido algum tipo de insulto os dados se apresentaram semelhante aos da pesquisa de Moura *et al* (2009) que buscou analisar a violência contra mulheres em vulnerabilidade socioeconômica, em que a ocorrência desses atos de violência moral e/ou psicológica se apresentaram em 39% dos casos. Tais ocorrências podem ser apresentadas pela alta prevalência de xingamentos, ofensas e palavrões.

A violência psicológica, partindo da perspectiva da Lei Maria da Penha, são atos e condutas que ocasionam danos emocionais e prejudicam o desenvolvimento da saúde da mulher, visando controlar suas atitudes, diminuição da autoestima e tomada de decisões. Segundo essa lei apresentada, a violência psicológica ocorre com mais frequência devido também na maioria dos casos, acompanhar os outros tipos de violências sofridas por essas mulheres (BRASIL, 2009).

Para Monteiro e Souza (2007) a violência sexual causa bastante sofrimento e humilhação na vítima, o que muitas vezes, dificulta o processo de apresentar tal violência sofrida e acabar ocasionando em mais sofrimento, vergonha e sentimento de objeto sexual. O que pode ter relação com os resultados obtidos na pesquisa relacionando diretamente com os questionamentos feitos sobre esse tipo de violência, pois segundo esses mesmos autores, muitas vezes, a vítima não reconhece que tal conduta apresentada seja uma violência. Taquette (2003), apresentada que a cada duas mulheres a cada 10 mulheres adolescentes sofreram ou sofrem violência sexual, seja por medo, submissão ou reconhecimento de tal violência. E que muitas vezes a falta de conhecimento sobre não facilita o processo de reconhecimento da situação enfrentada.

Tais considerações feitas agora acima, podem justificar os resultados obtidos em relação as perguntas realizadas sobre violência sexual, e a ocorrência de seus atos, pois foi apresentado uma grande prevalência de terem sido violadas por meio de carícias sem seu

consentimento, mas poucas informaram que teria sofrido e percebido que sofreu violência sexual. Com isso e com tais contribuições apresentadas, poderia justificar a dificuldade em encontrar estudos que corroboram com os dados apresentados, e devido também as poucas produções literárias ofertadas sobre tais situações vivenciadas por essas mulheres adolescentes, que muitas vezes fazem parte dos estudos, mas acompanhadas por mulheres adultas ou com crianças de ambos os sexos.

Em relação ao serem questionadas sobre violência sexual durante sua adolescência os dados estatísticos se assemelharam com os estudos realizados por Schaiber *et al.* (2007), que teve como analisar a prevalência da violência contra a mulher, e seus resultados obtidos foram de 10,1% para violência sexual, sendo englobada também como a violência com menor frequência identificada pelas participantes, esse estudo foi realizado com mulheres entre 15 e 49 anos de idade. Sobre o questionamento de feito relações sexuais com medo do que poderia fazer com ela, o resultado corroborou com o estudo de Moura *et al.* (2009), já apresentado anteriormente, em que 10 % das jovens afirmaram que sim.

Diante dos questionamentos apresentados sobre violência física, os resultados obtidos na pesquisa se assemelham novamente com os estudos de Schraiber *et al.* (2008), em que 27,2% das participantes apresentaram ter sofrido violência física. Por meio das informações apresentadas pelas participantes sobre alguns dos possíveis atos da ocorrência da violência física, foi perceptível que não ocorreram por meio de chute, arrastões ou algum tipo de instrumento, mas não foi apresentada nenhuma afirmativa sobre sua ocorrência. Os resultados também corroboram com a pesquisa realizada por Moura *et al.* (2009), que buscou analisar a violência contra mulheres em vulnerabilidade socioeconômica, com 26% das participantes afirmando que tinham sofrido violência física.

Com os resultados adquiridos, pode-se que é necessário ofertar uma maior importância para o tema violência contra a mulher na adolescência, trabalhando nas organizações que regem a sociedade, pois é a ocorrência da violação dos seus direitos, oferecendo ênfase de carácter individual, política e cultural, para adotar medidas de enfrentamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos na literatura realizados sobre violência contra a mulher, são de pouca abrangência, mesmo sendo reconhecido como um problema de saúde pública, cultural e histórica. Diante das pesquisas realizadas no meio literário, foi perceptível analisar as poucas

produções ocorridas nos últimos 10 anos, o que pode dificultar uma leitura sobre a realidade desses acontecimentos.

Em relação à violência contra a mulher na fase da adolescência, pode-se considerar que é um espaçamento que precisa ser avaliado e preenchido, pois em grande maioria das produções ocorre a faixa etária de mulheres adultas, ou de adolescentes e adultas, sem apresentar muita atenção a faixa etária da adolescência.

Mesmo com a ocorrência de pouca frequência de estudos para reconhecer e compreender a amplitude da violência contra a mulher na adolescência, apresentando limitações, as produções já realizadas são fundamentais para a contribuição da construção novos conhecimentos em relação à temática, que pode ser algo muito complexo, perpassado por questões históricas.

Obter conhecimentos sobre a violência contra a mulher adolescente é de grande importância para que seja ofertado a construção de novas possibilidades de comum diminuir seu índice de acontecimentos, que demonstra apresentar crescimento nos últimos anos, mesmo com pouca visibilidade a sua ocorrência.

A fase de desenvolvimento da adolescência, torna o indivíduo vulnerável à ocorrência de algumas negligências, dentre elas está a ocorrência de violência, e com isso é necessário construir e consolidar ações de prevenção, promoção e recuperação da saúde dessas adolescentes que têm ou tiveram seus direitos violados e sua saúde integral afetada.

Um dos fatos importantes identificados na pesquisa, é que os diversos tipos de violência contra a mulher adolescente perpassam por seu desenvolvimento e trajetória, e que em algumas situações elas não conseguem identificar que estão sendo violentadas, o que ficou perceptível diante dos resultados da pesquisa, na qual muitas vezes uma violência é acompanhada por outra.

6 REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim; SASTRE, Genoveva; GONZÁLEZ, Alba. Violência contra a mulher e representações mentais: um estudo sobre pensamentos morais e sentimentos de adolescentes. São Paulo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 109-120, 2010. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a13v26n1.pdf> >. Acesso em 15 de out. de 2020.

ARIÈS, Philippe. História social da infância e da família. Rio de Janeiro: **Guanabara**. 1986.

BASTOS, João Luiz Dornelles; DUQUIA, Rodrigo Pereira. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. **Scientia Medica**, 2007.

BERNARDINO, Italo de Macedo et al. Violência contra mulheres em diferentes estágios do ciclo de vida no Brasil: um estudo exploratório. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. Campina Grande, Paraíba. v. 19, p. 740-752, 2016. Disponível em: < Violência contra mulheres em diferentes estágios do ciclo de vida no Brasil: um estudo exploratório.> Acesso em: 30 de set. de 2020.

BRASIL, Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL, Lei nº. 11.340, Lei Maria da Penha, de 7 de agosto de 2006.

BOUZAS, Isabel; JANUZZI, Felipe. Estatuto da Criança e do Adolescente: 25 anos. **Revista Adolescência e Saúde**. 12(2):6. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: < <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v12n2a01.pdf>>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e Saúde**, v. 2, n. 2, p. 6-7, Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: < <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>>. Acesso em: 19 de setembro de 2020.

ERIKSON, Erik. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar. 1976.

GOMES, Maria Laura Mota et al. Perfil clínico-epidemiológico de crianças e adolescentes do sexo feminino vítimas de violência atendidas em um Serviço de Apoio à Mulher, Recife, Pernambuco. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 6, p. s27-s34, 2006. Disponível em: < Perfil clínico-epidemiológico de crianças e adolescentes do sexo feminino vítimas de violência atendidas em um Serviço de >. Acesso em: 30 de set. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades, 2015. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-filomena/panorama>>. Acessado dia 31 de Outubro de 2020.

LEITE, Maisa Tavares de Souza et al. Ocorrência de violência contra a mulher nos diferentes ciclos de vida. Montes Claros, Minas Gerais. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 22, n. 1, p. 85-92, 2014. Disponível em: Ocorrência de violência contra a mulher nos diferentes ciclos de vida. Acesso em 30 de set. de 2020.

LIMA, Daniel Costa; BÜCHELE, Fátima; CLÍMACO, Danilo de Assis. Homens, gênero e violência contra a mulher. Santa Catarina, **Saúde e Sociedade**, v. 17, p. 69-81, 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n2/08.pdf>>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. Edição 8, São Paulo: **Atlas**. 2018

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy et al. Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 2, p. 359,

2011. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2014.v19n2/619-627>>. Acesso em: 15 de setem. 2020.

MOTA, Janine da Silva. UTILIZAÇÃO DO GOOGLE FORMS NA PESQUISA ACADÊMICA. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-373, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

MOURA, Leides Barroso Azevedo et al. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, p. 944-953, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rsp/2009.v43n6/944-953/>>. Acesso em: 29 de nov. de 2020.

OMS ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women: summary report of initial results on prevalence, health outcomes and women's responses. Geneva, 2005.

SCHRAIBER, Lilia Blima, et al. "Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. São Paulo. **Revista de Saúde Pública**. 41797-807. 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.org/article/rsp/2007.v41n5/797-807/pt/>>. Acesso em 28 de nov. de 2020.

PALÁCIOS, Jesús. O que é a adolescência. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**, v. 1, p. 263-272, 1995. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/29562/mod_resource/content/1/O_que_e_adolescencia.pdf. Acesso em: 12 de out. de 2020.

SCHRAIBER, Lilia Blima et al. Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo. São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 3, p. 359-367, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n3/5820.pdf>>. Acesso em: 30 de nov. de 2020.

SOUZA, Edinilsa Ramos; JORGE, Maria Helena Prado Mello. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. Violência faz mal à saúde, p. 23-38, 2006. Ministério da saúde. Disponível em: < http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books-MS/06_0315_M.pdf>. Acesso em: 15 de out. de 2020.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. SOUZA, Ivis Emília de Oliveira. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 16, n. 1, p. 26-31, Brasília, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rsp/2009.v43n6/944-953/>>. Acesso em: 17 de nov. de 2020.

TAQUETTE, Stella R. et al. Mulher adolescente/jovem em situação de violência. Brasília: **Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres**, 2007. Disponível em: < https://bvssp.icict.fiocruz.br/pdf/mul_jovens.pdf >. Acesso em: 15 de out. de 2020.

TAQUETTE, Stella R. Violência entre namorados na adolescência. **Adolescência e Saúde**, v. 6, n. 2, p. 6-12, Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <

<https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v6n2a02.pdf>>. Acesso em: 16 de out. de 2020.

TAQUETTE, Stella R. et al. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. 1437-1444, 2003. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csp/2003.v19n5/1437-1444/pt/>. Acesso em 19 de setem. de 2020.